SOBERANIA ALIMENTAR E BIOCOMBUSTÍVEIS: NOVOS DESAFIOS AGRÁRIOS [1]

Mario Jose Puhl[2]

O contexto do aquecimento global e dos impactos da mudança climática sobre todas as formas de vida do planeta tem uma interface objetiva com a crise energética e a busca por novas fontes, as renováveis. A matriz energética e industrial, hegemônica mundialmente a partir do século XX, embasada no petróleo, incluindo combustíveis, plásticos, fertilizantes, tintas, depara-se ante ao limite objetivo, as reservas mundiais dessa fonte energética. Contudo, novos planos de produção de agroenergia também adotam o padrão da monocultura, das grandes extensões, utilizando ainda fertilizantes solúveis à base de petróleo e venenos, com externalidades sócio-ambientais muito negativas. Culturas energéticas como a cana-de-açúcar, milho, soja, canola, girassol, são produzidas com fertilizantes químicos apresentando um balanço energético nada satisfatório. Por vezes ocupando áreas agrícolas antes destinadas ao cultivo de alimentos, áreas de preservação ambiental ou biomas frágeis. Ante esse quadro, algumas questões se colocam. A produção de alimentos e biocombustíveis pela agricultura familiar constitui-se numa efetiva possibilidade? Que referencial tecnológico agroindustrial é o mais adequado? Esse processo produtivo aponta para a soberania alimentar e energética? A produção de biocombustíveis possibilita a efetiva geração de trabalho e renda para a agricultura familiar? O movimento global sobre a agricultura para atender à atual demanda por energias e biocombustíveis exerce uma pressão agrária e agrícola em termos nos quais serão definidos os usos da terra agricultável e da água para os cultivos da agroenergia e de alimentos. A proposta do agronegócio tem como estratégia global a reprodução do capitalismo, viabilizando a continuidade do seu processo de produção e circulação de mercadorias e capitais. Tende a concentrar ainda mais as empresas que já detém o controle sobre as cadeias do sistema agroalimentar mundial. Nessa etapa de acumulação, a expansão do agronegócio de energias, os seus efeitos são identificados como um novo processo de conflitos sócio-ambientais, com especial pressão sobre a soberania alimentar dos povos. Um paradigma que busca integrar a agricultura familiar e camponesa à agricultura industrial. Aponta a agroenergia como perspectiva para a geração de trabalho, renda e redução do êxodo rural. Este texto apóia-se, teoricamente, em duas perspectivas articuladas mutuamente. Do ponto de vista energético e agronômico, considera viável a integração de sistemas articulados de produção de biocombustíveis e alimentos. A segunda perspectiva supõe formas de organização do mercado direcionados a finalidades sociais e ecológicas na qual a geração de renda para a agricultura familiar e os critérios de sustentabilidade ambiental estejam incorporados de forma orgânica na sua dinâmica operacional. O trabalho tem por objetivos pesquisar a contribuição da agricultura familiar na produção de alimentos e biocombustíveis, especialmente o álcool. Qual o referencial tecnológico agroindustrial mais apropriado. Que arranjos produtivos locais se fazem necessários. As pesquisas bibliográficas e o levantamento de dados empíricos constituem a base metodológica do trabalho. Os dados empíricos referem-se à experiência desenvolvida por um grupo de agricultores do município de

Dezesseis de Novembro, no estado do Rio Grande do Sul. Pode-se afirmar que a produção de alimentos e biocombustíveis é viável na agricultura familiar. As micro-destilarias, organizadas em bases associativas, constituem a tecnologia adequada. O álcool produzido enquadra-se nos padrões exigidos pela legislação vigente. A produção de biocombustíveis e alimentos pela agricultura familiar é viável econômica, social e ambientalmente. A produção de biocombustíveis integrados à produção alimentar vem sendo realizada em vários lugares do Brasil. A proposta é produzir biocombustíveis, cuja tecnologia agroindustrial é a da micro-destilaria, a qual promove um circuito de sustentabilidade econômica e ambiental que aponta para a autonomia energética da propriedade rural. Diversifica os usos do solo e culturas, o uso da adubação verde. Há o aproveitamento dos diversos dejetos produzidos que são destinados à alimentação animal ou fertilização e adubação do solo. Descentraliza a produção de combustíveis, melhorando a composição da matriz energética. A produção de biocombustíveis é mais uma atividade produtiva na agricultura familiar, dentro da sua multifuncionalidade.

1 - Soberania alimentar e biocombustíveis: novos desafios agrários.

2 Apresentador - Comunidade Externa